

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 3\$00
ASSINATURA ANUAL 30\$00

Ano XI — Número 121

Janeiro de 1973

Receita para um Ano Novo Feliz

Tomai doze belos e viçosos meses; vêde que eles estejam perfeitamente isentos de reminiscências amargas, rancor, ódio e ciúmes; tirai-lhes completamente os espinhos; limpai-os de todas as manchas da mesquinhez; em suma, vêde que esses meses estejam completamente livres do passado — conservai-os frescos e puros como quando chegaram do grande depósito do tempo.

Cortai esses meses em trinta ou trinta e uma partes iguais. Essa fornada dá exactamente para um ano. Não tenteis fazê-la toda de uma vez (muitas pessoas estragam assim tudo), mas preparai de cada vez a porção precisa para um dia, e da seguinte maneira:

Ponde em cada dia doze partes de fé, onze de paciência, dez de coragem, nove de actividade (alguns esquecem este ingrediente, estragando assim o sabor do precioso prato), oito de esperança, sete de fidelidade, seis de liberalidade, cinco de bondade, quatro de repouso (deixar isso fora é como esquecer o azeite numa salada), três de oração, duas de meditação e uma de criteriosa resolução. Se não tiverdes conscienciosos escrúpulos nisso, ajuntai uma colher de chá de espírito, uma dose de chiste, uma pitada de extravagância, umas gotas de brincadeira e uma chávena transbordante de bom humor.

Despejai dentro disso amor à vontade, e mexei bem. Cozinhai com bastante calor; adornai com alguns sorrisos e uns borrifos de alegria; servi em seguida com serenidade, desprendimento e satisfação, e ter-vos-eis assegurado um Feliz Ano Novo.

H. M. S.

Um Novo Ano

O denominado Ano Velho lá se sumiu, na voragem do tempo, caquético, alquebrado, carregado de catástrofes, de maldade, de violências, de injustiças, dos crimes mais hediondos contra Deus, contra o próprio Homem, contra a Religião, contra o Estado, contra o Direito, contra a Moral, contra tudo que há de mais nobre na Terra.

As esperanças dirigem-se, mais uma vez, para o Novo Ano que há-de despontar, que surgiu, que está tentando os seus primeiros passos.

Renovaram-se os tradicionais votos de feliz Ano Novo, sempre repetidos, porventura, apenas com proveito só para o erário público com o aumento do tráfego postal!

Talvez mereça a pena recordar algo da história do Dia do Ano Novo.

Vejamos, pois, o que a este respeito diz a autorizada *Enciclopédia Britânica*:

«Os antigos Egípcios, Fenícios e Persas começavam o seu ano no equinócio do Outono (21 de Setembro), e os Gregos, até ao quinto século antes de Cristo, no solstício do Inverno (21 de Dezembro). Os antigos Romanos celebravam outrora o início do ano, a 21 de Dezembro; César, porém, com a adopção do seu Calendário — Calendário Juliano — transferiu-o para o primeiro dia de Janeiro.

Os Judeus sempre começaram o seu ano civil, a partir do primeiro dia de Tishri (6 de Setembro e 5 de Outubro), mas o seu ano eclesiástico começa no equinócio da Primavera, 21 de Março. O dia 25 de Março era, usualmente, a data aceita pela maioria dos Cristãos, na Idade Média. Na Inglaterra anglo-saxónica, o dia 25 de Dezembro era o dia do ano novo. Supõe-se que por ocasião da conquista normanda, Guilherme o Conquistador para fazer com que a sua coroação coincidissem com esta data, ordenou que o ano começasse no primeiro de Janeiro. Mais tarde, porém, a Inglaterra começou o seu ano, com o resto da Cristandade,

a 25 de Março. O Calendário Gregoriano (1582), que restaurou o primeiro de Janeiro como dia do ano novo foi aceite por vários países; os Alemães, os Dinamarqueses e Suecos só aceitaram o dia 1 de Janeiro, no ano de 1700; a Inglaterra só o aceitou em 1752.»

A data do Ano Novo, seguida pelos Judeus, conforme a lei de Moisés, era no Outono ou na Primavera, correspondendo com a Páscoa, ou a Festa das Trombetas, 10 dias antes da festa da Expição. As nações mais fortemente influenciadas pelos Israelitas — Egipto, Fenícia e Pérsia — usaram a data do Outono, tal como os Israelitas. Os pagãos gregos e romanos usavam a festa do Sol, a 21 de Dezembro, ou de Janus, no 1.º de Janeiro, que era uma das formas em que o Sol era adorado.

Agora, no limiar deste Novo Ano de 1973 é o momento propício para uma tomada de consciência sobre o que fizemos nós para Deus no ano velho que findou.

Fizemos, decerto, bons propósitos. Até que ponto os realizámos?

Na Vinha do Senhor há lugar para todos, seja qual for a hora da entrada para o serviço. A que horas entrámos e como trabalhámos?

Na primeira lição das Meditações Matinais do Ano Velho de 1972 lemos o seguinte:

Poderíamos estar celebrando este dia do Ano Novo na Nova Jerusalém. Mas, num dos próximos anos, pela graça de Deus, nós o faremos. Contudo, primeiramente, um trabalho deve ser feito — uma tarefa que poderá ser terminada, somente por meio do poder de outro Pentecostes. Procurar isto, ao iniciarmos o Novo Ano, deve ser o nosso primeiro propósito.

«A Igreja precisa de despertar para a acção. O Espírito de Deus nunca poderá vir, enquanto ela não preparar o caminho. Deve haver diligente exa-

Continua na pág. 7

Comentários Sobre "Varanda do Mundo"

O artigo lido aos microfones de «Rádio Clube do Huambo» no passado dia 20 de Setembro, sob a epígrafe «*Varanda do Mundo*» interessou-nos sobremaneira.

Impossibilitados de, por uma só audição, ficarmos com elementos suficientes para comentar o referido artigo, dirigimo-nos ao *Rádio Clube*, onde gentilmente nos foi facultada a leitura do mesmo, do qual extraímos o seguinte passo:

«Por estudos realizados no Instituto de Tecnologia de Massachusetts por incumbência do chamado «Clube de Roma», prevê-se que o homem tem apenas trinta anos para se precaver contra calamidades que ele próprio está provocando, afectando o equilíbrio das forças naturais».

Noutra passagem, o mesmo artigo diz que essas calamidades são de tal envergadura que os próprios irracionais, em algumas partes do Globo, revelam que alguma coisa de anormal e extraordinário está para acontecer.

Quanto a nós — chamem-nos aquilo que quiserem — este estado de coisas não é mais que o cumprimento exacto e rigoroso da profecia bíblica, que se lê no Evangelho de S. Lucas, cap. 21:25, 26, que anunciando os acontecimentos imediatamente precedentes à segunda vinda de JESUS, diz: «...e na Terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas; Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo. Porquanto as virtudes do céu serão abaladas».

Faz parte da doutrina bíblica, e é ponto aceite por todos os cristãos que JESUS subiu ao céu decorridos quarenta dias após a Ressurreição, mas nem todos conhecerão as circunstâncias que acompanharam esse acontecimento da vida gloriosa de CRISTO; e, assim, talvez alguém ignore que JESUS Se elevou da terra à vista dos Apóstolos que O olharam até que uma nuvem O encobriu aos seus olhos, e que, ao deixarem de olhar para o alto, constataram a presença de dois anjos que lhes falaram dizendo: «Esse JESUS, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há-de vir como para o céu o vistes ir».

Travam-se, às vezes, entre cristãos, acasas discussões sobre matéria religiosa, e, quando o assunto é a segunda vinda de CRISTO, não falta quem afirme: «JESUS

vem vindo para aqueles que vão morrendo», donde se depreende que, mesmo no mundo cristão, há quem não aceite essa segunda vinda de JESUS com aquela realidade que lhe é atribuída pelas Sagradas Escrituras ao reproduzirem palavras do próprio JESUS.

São muitas as passagens bíblicas que falam desse extraordinário evento, como são igualmente muitas as que nos falam das circunstâncias físicas e morais que caracterizam o mundo nos tempos que, de perto, precederão esse grande acontecimento.

Quando os discípulos pediram ao MESTRE que os ensinasse a orar, ELE disse-lhes que orassem assim: «Venha o Teu reino, seja feita a Tua vontade assim na Terra como no Céu...» Se o reino de DEUS não tivesse de ser estabelecido sobre a Terra, e a Sua vontade não tivesse de vir, aqui, a ser praticada como se pratica no céu, JESUS estaria procurando enganar os discípulos porque estava a ensiná-los a pedir uma coisa que, de antemão, sabia não lhes poder ser concedida. Como, porém, esta hipótese não pode ser aceite, resta-nos a aceitação de que CRISTO virá para operar a modificação indispensável à instituição do Seu reino para que haja «um só rebanho e um só Pastor» como ELE próprio exprimiu.

Dissemos atrás que a Sagrada Escritura é pródiga em relatos sobre as condições físicas e morais do mundo nos tempos precedentes à segunda vinda de CRISTO. Não vamos fazer transcrições bíblicas, mas apenas convidar o leitor sedento de verdade a que leia o cap. 24 do Evangelho de S. Mateus se quiser certificar-se de que as condições físicas que caracterizam o mundo dos nossos dias são aquelas que foram anunciadas como as que precederiam o regresso de JESUS. Para confirmação das condições morais aconselhamos, por exemplo a leitura do cap. 3.º da Epístola do Apóstolo S. Paulo a Timóteo.

Depois dessas leituras, não nos ficará, certamente, a menor dúvida de que estamos chegados aos últimos dias da história do mundo, dessa história ofuscada e deneigrada pela intervenção satânica, mas que, em breve, com a vinda gloriosa do Redentor, readquirirá as características que possuía antes da rebelião de Lúcifer e do seu

Continua na pág. 13

Creio na Bíblia como palavra Inspirada de Deus

por Jean Zurcher

Embora a Igreja Adventista do Sétimo Dia não tenha nenhum credo, como outras igrejas cristãs têm, ela possui certas crenças fundamentais que se baseiam na Bíblia. A primeira destas crenças, aquela sobre a qual todas as outras assentam, diz respeito à própria Bíblia. E é assim expressa:

«Que as Santas Escrituras do Velho e Novo Testamento foram dadas por inspiração de Deus, encerram uma revelação toda-suficiente de Sua vontade aos homens, e são a única regra infalível de fé e prática. (2 Tim. 3:15-17.)» — *Manual da Igreja*, (ed. de 1965), pág. 29.

Num tempo em que a autoridade e inspiração divinas da Bíblia estão frequentemente sendo atacadas pelo próprio povo que as deveria defender, é necessário reconsiderar as razões da confiança da Igreja na Bíblia como a Palavra de Deus e o único critério de verdade. Fora deste fundamento não há nenhuma fé cristã autêntica: sem esta certeza toda a doutrina não é senão um castelo de cartas. Por outro lado, o edifício espiritual torna-se inabalável no momento em que uma pessoa, conhecendo todos os factos, pode dizer sinceramente: «Creio na Bíblia como Palavra inspirada de Deus.»

A fé nas Escrituras é uma das crenças de todos os séculos. A seguinte citação do historiador Josefo é um interessante testemunho extra-bíblico em relação à fé dos judeus nas Escrituras: «Nós não temos entre nós uma incontável multidão de livros que se contradigam uns aos outros. Temos apenas vinte e dois, que contêm um relato de toda a história antiga, e são com justiça considerados divinos... Tornou-se natural para os judeus acreditar que estes livros contêm doutrinas

divinas, perseverar neles, e, se necessário, morrer por eles de bom grado. Foram-nos dados pela inspiração que vem de Deus.»

Confirmada por Jesus e pelos Apóstolos esta crença era também uma certeza na Igreja Cristã. Embora seja verdade que o uso feito da Bíblia e a interpretação dada tenham variado através dos séculos, todas as grandes confissões de fé cristã afirmaram a inspiração divina das Escrituras até ao aparecimento da crítica moderna em fins do século dezoito. Isto é ilustrado pela divisa adoptada pelas igrejas da Reforma: «A Bíblia e a Bíblia somente como regra de fé e de dever.»

Desde o alvorecer do racionalismo, no século dezanove, e, mais do que isso até, sob a influência dos teólogos neo-racionalistas de nossos dias, a atitude da maioria dos cristãos para com a Bíblia sofreu uma profunda mudança, a despeito da sua profissão de fé. Slogans como estes tornaram-se rapidamente populares: «A Bíblia contém a Palavra de Deus, mas não é a Palavra de Deus»; «Cristo somente é a Palavra de Deus»; «Somente o ensino moral e espiritual da Bíblia é inspirado». E, segundo este impulso, a crítica conseguiu eliminar do texto sagrado tudo o que é miraculoso ou sobrenatural, sob pretexto de que o carácter mítico destes relatos os torna inaceitáveis à mente moderna.

Quem teria acreditado que as palavras de Paulo encontrariam cumprimento tão literal? «Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.» (2 Tim. 3:3, 4).

«Mas», acrescenta a serva do Senhor, «Deus terá sobre a terra um povo que mantenha a Bíblia só, como norma de todas as doutrinas e base de todas as reformas» (*O Conflito dos Séculos*, p. 437) — um povo que acredite verdadeiramente na Bíblia como a Palavra inspirada de Deus.

A inspiração divina das Escrituras não é uma teoria, mas um facto que pode ser comprovado sob um plano pessoal. Não é possível dar uma explicação satisfatória do seu significado. Tal como acontece com tudo o que vem de Deus e relata a obra misteriosa do Seu Espírito, a inspiração das Escrituras ultrapassa a compreensão humana. É por esta razão que a fé é essencial. Se fosse possível explicar, a fé na Bíblia como Palavra inspirada de Deus não seria necessária. Isto não quer dizer, porém, que nós não devamos procurar compreender o vocábulo «inspiração».

A doutrina da inspiração foi muitas vezes no passado reduzida a um simples esquema que fez o povo acreditar que a Bíblia era um livro sagrado, caído literalmente do céu, ou que Deus o ditara a dóceis escribas que escreveram e passaram a revelação divina como uma fita de gravação. A Bíblia é um livro sagrado, mas não no sentido de que o próprio Senhor o escreveu do mesmo modo que traçou nas paredes do palácio de Beltschar as famosas palavras interpretadas por Daniel. Tão-pouco foi ditado a uma espécie de médium em transe, como os gregos acreditavam que acontecia em Delfos, quando o seu deus falava através da Pitonisa ou através de qualquer outro profeta. Mesmo gravuras apresentando um anjo a segredar ao ouvido de um escritor do evangelho o texto que ele está a escrever correm o risco de dar uma falsa ideia de inspiração.

Estas explicações de certo modo mágicas ou mecânicas da inspiração da Bíblia não deixaram de provocar reacções de consequências perigosas. Primeiramente o povo opôs-se ao que chamou uma deificação das Escrituras, em realidade, uma Bibliolatria. A contratendência foi exaltar o aspecto

puramente humano dos livros sagrados, muitas vezes em detrimento do que neles é manifestamente divino. O Livro Sagrado deixou rapidamente de ser uma autoridade dominante no seu todo e finalmente poucas porções foram julgadas autênticas ou dignas de confiança. A crítica acreditou que se podiam encontrar erros em toda a parte — contradições, inconsistências, divergências e inacreditáveis confusões. Tornou-se moda falar de alegorias e mitos. Actualmente um certo teólogo contemporâneo exerce imensa influência na confiança que porventura ainda resta na Bíblia através dos seus esforços para desmitificar as Escrituras, buscando aquilo a que astuciosamente chamam Kerugma, isto é, a verdade a ser pregada, a qual, na pior das hipóteses, pode ser considerada como inspirada.

Em face de tais aberrações, vale a pena recordar as explanações dadas por Ellen G. White acerca da inspiração das Escrituras, não apenas para corrigir falsas concepções, mas também para se estar por outro lado de sobreaviso contra a «falsamente chamada ciência», seguindo a qual alguns «se desviaram da fé». (1 Tim. 6:20, 21).

«A Bíblia é escrita por homens inspirados, mas não é a maneira de pensar e exprimir-se de Deus. Esta é da humanidade. Deus, como escritor, não Se acha representado. Os homens dirão muitas vezes que tal expressão não é própria de Deus. Ele, porém, não Se pôs à prova na Bíblia em palavras, em lógica, em retórica. Os escritores da Bíblia foram os instrumentos de Deus, não a Sua pena...

«Não são as palavras da Bíblia que são inspiradas, mas os homens é que o foram. A inspiração não actua nas palavras do homem ou em suas expressões, mas no próprio homem que, sob a influência do Espírito Santo, é possuído de pensamentos. As palavras, porém, recebem o cunho da mente individual.» *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 21.

Vemos assim que Deus comunicou a homens inspirados o Seu pensamento, a Sua vontade, a Sua verdade, respeitando simultaneamente a sua per-

sonalidade, carácter, talentos, dotes mentais, hábitos intelectuais, estilo, linguagem e vocabulário. Pelo Seu Espírito, Deus capacitou agentes humanos para falarem por Ele. «Guiou a mente na selecção do que falariam e do que escreveriam». *O Conflito dos Séculos*, p. 6. «A mente divina, bem como a Sua vontade, é combinada com a mente e a vontade humanas; assim as declarações do homem são a Palavra de Deus.» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 21.

A misteriosa união de Deus e do homem manifestada em Cristo, a Palavra de Deus revelada em carne, é novamente revelada, numa outra forma, nas Escrituras, a Palavra de Deus expressa num livro. «A Bíblia com as suas divinas verdades dadas por Deus e expressas na linguagem dos homens, apresenta a união do divino com o humano. União semelhante existia na natureza de Jesus Cristo, que era o Filho de Deus e o Filho do homem. Assim, é verdade em relação à Escritura, como o foi em relação a Jesus Cristo, que 'o Verbo Se fez carne e habitou entre nós'». *O Conflito dos Séculos*, págs. 5 e 6.

O aspecto humano da Bíblia está apenas presente na forma em que nos é dada a nós. É importante; merece a nossa atenção. Todavia a sua importância é pequena em comparação com a importância da mensagem. É aqui que se distingue o carácter divino das Escrituras, o qual se torna mais aparente ao notar-se a qualidade humana. Quanto mais aparente é o elemento humano, mais aparente é o divino. Paulo não negligenciou sublinhar tal pensamento: «Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.» (2 Cor. 4:7). «Confiou o tesouro a vasos terrenos, sem contudo perder coisa alguma de sua origem celestial.» *O Conflito dos Séculos*, p. 6.

A BÍBLIA, PALAVRA DE DEUS

Quando no fim da sua carreira Paulo declarou a sua fé nas Escrituras como «inspiradas por Deus», ele quis afirmar que o próprio Deus era o seu

Autor e que elas eram obra do Espírito Santo. Para o fazer, o apóstolo usou uma expressão que não se encontra em nenhum outro lugar da Bíblia, *theopneustos*, um adjectivo que significa literalmente «respiradas por Deus», isto é, dadas por Ele, faladas por Ele, inspiradas por Ele.

Por esta razão «homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo» (2 Ped. 1:21). Todavia, a influência do Espírito não se restringe a encarregar homens de falarem por Deus; as mensagens faladas por homens inspirados são «palavras... que o Espírito Santo ensina.» (1 Cor. 2:13). Paulo declara explicitamente «que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo.» (Gál. 1:11, 12). Eis porque o apóstolo aconselhava aos seus ouvintes que recebessem a palavra que ele pregava «não como palavra de homens mas segundo é, na verdade, como palavra de Deus.» (1 Tess. 2:13).

TORNANDO CONHECIDA A PALAVRA DE DEUS

Isto é, pois, claro. Escolhendo homens consagrados, Deus deu-lhes a conhecer a Sua vontade, pedindo que eles, por sua vez, a transmitissem a outros. Por esta razão estes intermediários são chamados profetas, isto é, homens que falam por Deus. Através deles a palavra de Deus foi expressa em linguagem compreensível para todos os que ouvirem. Os seus escritos não são um simples testemunho sobre a palavra, são a própria palavra de Deus. Se tal não fosse o caso, os profetas do Antigo Testamento não teriam feito milhares de vezes declarações como esta para introduzir a sua mensagem: «Assim diz o Senhor...» Nem Jesus e os apóstolos teriam confirmado o seu testemunho, perguntando, por exemplo, antes de citar os profetas: «Não tendes lido o que Deus vos declarou?» (Mat. 22:31).

Por conseguinte, seria perigoso para a nossa fé procurar limitar de qualquer maneira a inspiração das Escrituras. Dizer que a palavra de Deus está na Bíblia, como cada vez mais re-

ligionistas estão fazendo hoje em dia, conduz apenas à negação da própria Palavra de Deus. Se a Bíblia toda não é a Palavra de Deus, a verdade inspirada tem de ser procurada. E quem é capaz de fazer tal discriminação com absoluta certeza? Os resultados dessa busca estão já mais do que evidentes: as pessoas julgam o que é a verdade segundo o seu próprio critério.

Apenas a certeza absoluta de que a Bíblia é a palavra de Deus pode servir de base à Fé e Esperança cristãs. Somente isso dá à Bíblia autoridade imparcial, soberana e inalienável. Diante da Bíblia, aceite como a palavra de Deus, as opiniões individuais, tão variadas e subjectivas, desaparecerão, porque todos confessarão como Paulo: «Sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na lei e nos profetas.» (Act. 24:14).

Quando dizemos que a crença na inspiração da Bíblia é um artigo de fé, não queremos significar que Deus nos pede que acreditemos sem provas. Na verdade, há muitas provas, mas mencionaremos apenas uma, a que permite a cada homem experimentar pessoalmente o carácter sobrenatural da Bíblia. Essa prova é o poder regenerador e santificador da Palavra de Deus.

Em realidade a obra do Espírito de Deus estende-se muito além do intermediário através do qual fala. O Espírito ajuda também o leitor que busca a verdade. Sem esta vivificação o véu nunca seria levantado para aqueles que lêem a Bíblia, e a Palavra de Deus permaneceria letra morta. (Cf. 2 Cor. 3:12-18). «Mas o Espírito é vida», declara Paulo. Através do ministério do Espírito, Deus confirma a Sua palavra na vida de cada crente. Através da Obra do Espírito Santo a Palavra escrita torna-se instrumento de salvação: «Porque a Palavra de Deus é viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.» (Heb. 4:12).

Além disso, sendo as Escrituras a Palavra de Deus viva e permanente, actuam como semente incorruptível para regenerar os corações (1 Ped.

1:23-25). Conduzem à fé, porque «a fé é pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus» (Rom. 10:17). Paulo dá testemunho da sua experiência pessoal de que «o evangelho... é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê... porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé» (cap. 1:16, 17). Lembra também a Timóteo no texto chave da inspiração das Escrituras: «Desde a tua meninice sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação pela fé que há em Cristo Jesus. (2 Tim. 3:15). Portanto: «Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam!» (Luc. 11:28).

Um Novo Ano

Continuação da pág. 2

me do coração. Deve haver oração unida e perseverante, e o reclamar pela fé, as promessas de Deus.» (*Mensagens Escolhidas*, Livro 1, pág. 126).

Queremos nós, durante este Novo Ano levantar-nos para a acção? Queremos nós, mediante um exame do coração, arrependimento e perseverante oração, ajudar a preparar o caminho para um moderno Pentecostes?

Foi em 1895 que a Serva do Senhor escreveu:

«A descida do Espírito Santo sobre a Igreja é olhada como estando no futuro; é, porém, privilégio da Igreja, tê-la agora. Buscai-a, orai por ela, crede nela. Precisamos de a ter, e o Céu espera conceder-no-la». — *Evangelismo*, pág. 701.

O nosso privilégio é *agora!* Buscar, orar, crer — *agora!* Desejamos nós *agora*, neste ano?»

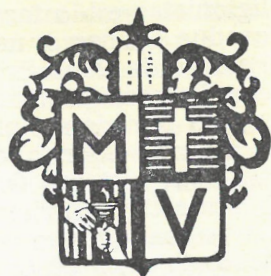
Irmãos e Irmãs, «eis agora o tempo aceitável». Abre-se diante de nós a esperança de um Novo Ano que o Senhor, generosamente nos concede. Temos de o aproveitar para ganhar muitas almas para o Seu santo Reino.

Que o Senhor nos ajude e nos abençoe, grandemente, a nós e a todos os Seus filhos, em toda a parte, para que em breve possamos estar juntos, para sempre, na Pátria Celestial.

Feliz e abençoado Ano Novo!

A. Casaca

Página da Juventude



Os Jovens e a melhor maneira de Passarem o Sábado

por E. G. White.

Ensinai as crianças a verem Cristo na natureza. Levai-as para o ar livre, para debaixo das nobres árvores, para o jardim; e em todas as maravilhosas obras da criação ensinai-as a ver uma expressão do Seu amor. Ensinai-lhes que Ele fez as leis que governam todas as coisas vivas, que Ele fez leis para nós, e que essas leis são para nossa felicidade e alegria. Não as canseis com longas orações e fatigantes exortações, mas através das lições objectivas da natureza ensinai-lhes a obediência à lei de Deus.

Como podem as crianças receber um conhecimento mais correcto de Deus e como podem suas mentes ser melhor impressionadas, do que passando uma parte do seu tempo ao ar livre, não jogando, mas em companhia dos seus pais? Sejam as suas mentes associadas com Deus no belo cenário da natureza; chame-se a sua atenção para as manifestações do Seu amor para com o homem através das obras que Ele criou, e serão atraídas e interessadas. Não estarão em perigo de associar o carácter de Deus com tudo o que é rígido e severo; mas, ao verem as belas coisas que Ele criou para a felicidade do homem, serão levadas a considerá-l'O como um terno e amoroso Pai. Verão que as Suas proibições e preceitos não são feitas para apenas

mostrar o Seu poder e autoridade, mas que Ele tem em vista a felicidade dos Seus filhos. E ao ser o carácter de Deus revestido do aspecto de amor, benevolência, beleza e atracção, são levadas a amá-l'O. Podeis dirigir as suas mentes para os amáveis passarinhos que encham o ar de música com os seus alegres cantos, para as hastes de erva e para as flores de gloriosas cores em sua perfeição perfumando a atmosfera. Tudo isto proclama o amor e sabedoria do Artista celeste e manifesta a glória de Deus.

Pais, porque não utilizar as preciosas lições que Deus nos deu no livro da natureza, para dar aos nossos filhos uma correcta ideia do Seu carácter? Os que sacrificam a simplicidade à moda e se apartam das belezas da natureza não têm mentes espirituais. Não podem compreender a sabedoria e poder de Deus revelados nas Suas obras criadas; por isso os seus corações não são despertados nem palpitam de novo amor e interesse, e não se encham de respeito e reverência ao verem Deus na natureza. (Child Guidance, págs. 532-535).

Visado pela Censura

Os «Sins» e «Nãos» dos Adventistas do Sétimo Dia

por Ernest H. J. Steed

Muitos não-adventistas têm observado: «Vocês não bebem, não fumam, não dançam, não comem carne — o que fazem então?»

As descobertas científicas e sociológicas modernas mostram quão sábios são os Adventistas do Sétimo Dia ao evitar tais práticas. Nós tomámos as boas decisões e todavia é triste constatar que nos conhecem mais por aquilo que não fazemos.

Indubitavelmente a pergunta acerca do que fazemos passa praticamente despercebida porquanto nos temos contentado em apresentar os não's mais agressivamente do que os sins.

Tal atitude dá origem à falsa ideia de que como cristãos estamos contra uma vida plena — contra uma «normal» participação na vida. Até mesmo em nosso sistema educacional, nós temos salientado mais vigorosamente os não's do que os sins.

Isto tende a dar à sociedade um conceito negativo a nosso respeito — frequentemente um sentimento de hostilidade, em vez de interesse.

Em breves minutos, qualquer adventista, adulto ou jovem, poderia fornecer uma lista de vinte não's, mas acharia difícil e cansativo elaborar igual lista de sins.

De facto, se nos tornássemos mais conscienciosos dos sins, estaríamos em melhor posição para resistir às coisas de que não gostamos.

A melhor maneira de eliminar as trevas é introduzir a luz. A melhor maneira de resistir ao mal é fazer o bem. Abordemos pois as coisas pelo lado positivo.

É certo que com os nossos são's e dignos ideais, princípios e verdades nós

podemos confiante e alegremente declarar o que fazemos advogando a vida no seu melhor aspecto.

Isso é finalmente o que cada pessoa deseja — a vida, uma vida que valha a pena ser vivida. Mostremos-lhe «algo de melhor» em contraste com as imitações da moderna sociedade. Notai este conceito positivo de Ellen G. White: «O povo do mundo está adorando deuses falsos. Devem ser desviados do falso culto, não por ouvir denúncia contra seus ídolos, mas vendo alguma coisa melhor. A bondade de Deus deve tornar-se notória». — *Parábolas de Jesus*, página 299.

Lemos ainda no livro Educação, página 297: «Algo melhor é a senha da educação, a lei de todo o verdadeiro viver».

Temos de enfrentar a intemperança com a temperança, o pecado com a salvação, o ódio com o amor e o erro com a verdade.

Significando a temperança «domínio próprio», ela só é possível através da acção do Espírito Santo habitando em nós. (Gál. 3:5).

Esta restauração ajudará o homem na sua quádrupla dimensão da vida — física, mental, social e espiritual. A saúde que então descobriremos é a recompensa da temperança. A acuidade mental, as graças sociais e a vitalidade espiritual seguirão do mesmo modo a esteira de tão positiva transformação.

O meu voto é que pensemos em viver melhor quando pensamos em temperança. Mostremos ao mundo «como viver», «o que fazer» e a extraordinária recompensa de obedecer à

Continua na pág. 13

○ Amor

(I Cor. 13)

*Ainda que eu falasse
Todas as línguas dos homens sobre a Terra,
E mesmo articulasse
A expressão que encerra
A linguagem dos anjos, que não erra;
A língua era um chocalho
De bronze, tendo a voz rouco clangor;
E perdia o trabalho
De adoçar o estridor,
Se eu não sentisse a efusão do amor!*

*E ainda que eu tivesse
O magnífico dom da profecia,
E mesmo compreendesse
A perfeita harmonia
De tudo quanto o Onnipotente cria;
Desvendasse o mistério
Que traz dos sábios sempre a mente absorta;
Da fé possuísse o império
Que as montanhas transporta
Sem amor, tudo isto é letra morta!*

*Inda que meus bens todos
Aos pobres desse em pão de cada dia,
Sofrendo por mil modos
Meu corpo na agonia,
Tudo isto, sem amor, nada seria!
O amor é complacente,
É doce, como as almas benfazejas;
Brando e suave ambiente
Dá-se o amor, mesmo sem saber quem sejas.*

*Não é tumultuoso;
De todo o vão orgulho está despido:
De interesse ou de gozo
Ele afasta o sentido;
Sempre o amor de si mesmo anda esquecido!*

TEÓFILO BRAGA

Organização da União de Missões de Moçambique

A 8 de Agosto de 1972, reuniu-se nos escritórios de Lourenço Marques uma comissão composta por dezassete obreiros e irmãos leigos, para completarem a reorganização da Missão de Moçambique numa União de Missões. Henrique Berg, o presidente dinâmico que tinha chegado recentemente àquele campo, vindo do Brasil, e João dos Santos, o competente secretário tesoureiro, tinham-se preparado muito bem, para esta reunião.

A Comissão estudou cuidadosamente a geografia física do território, tendo em consideração os problemas de transporte e de comunicação que surgiram ao se levar a mensagem do evangelho, a mais de oito milhões de habitantes. Chegaram então todos à conclusão de que para bem do desenvolvimento futuro do nosso trabalho, se devia dividir a área geograficamente em três partes e então assentar os planos de acordo com a organização, das missões do Norte, Central, e Sul.

O escritório da Missão do Norte de Moçambique ficará localizado em Mocuba, tendo como presidente o Pastor A. N. Pires e como secretário-tesoureiro, o pastor J. A. Vieira. Foi no distrito da Zambésia, que a Igreja Adventista do Sétimo Dia, começou com o trabalho em Moçambique. Com a permissão do governador geral, Max Webster fundou em 1933 a Missão de Munguluni (Luz) e mais tarde, em 1940, abriu-se ali uma escola. Hoje, a Missão do Norte tem 11.797 membros, espalhados por 39 igrejas que foram organizadas mais tarde. O ano passado, 1.185 novos membros uniram-se à igreja, pelo baptismo, e a maior parte deles tornaram-se membros por influência dos Irmãos leigos. O seu alvo para 1972 é de 1.300 baptismos.

A primeira escola, conhecida como a Escola de Treino da Missão de Munguluni, foi reconhecida oficialmente,

em 1963, quando ela tinha somente 25 estudantes no ensino secundário. Hoje, existem cerca de 350 estudantes. Estão 60 raparigas a dormir em 4 quartos; muitas vezes elas têm que dormir 3 a 3 em cada cama.

A Missão Central, tendo A. N. Nunes como presidente, tem o fim de levar a mensagem à Beira, que é a segunda cidade de Moçambique. Esta cidade junto à costa atrai anualmente, milhares de turistas vindos da Rodésia e da África do Sul.

Há um ano, o pastor Nunes foi ter com o director da estação de rádio e ofereceu-se para preparar um programa semanal para as crianças, sem que a estação tivesse que pagar para isso ser feito. O programa de meia hora que era apresentado pelo pastor Nunes e sua esposa, tornou-se depressa conhecido como sendo a Hora Adventista. Os ouvintes desse programa gostaram tanto dele que começou então a ser apresentado três vezes por semana. O pastor Nunes e o signatário, visitaram o director da estação de rádio, para lhe agradecer a sua bondade em lhes proporcionar este tempo para os programas, sem lhes levar dinheiro algum. O director ficou muito comovido e prometeu que os Adventistas seriam sempre bem recebidos no seu plano de programas. Então, ele expressou a sua apreciação pelo que a Igreja está empreendendo na Beira.

Na quarta-feira à noite realizou-se numa pequena igreja africana, a inauguração de um sistema de iluminação. O proprietário de uma grande companhia de construções interessou-se pelo trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia, e ofereceu-se para prover a iluminação da igreja. No fim da cerimónia, este senhor foi convidado a vir à frente e foi presenteado com uma cópia autografada da Palavra de Deus. Apertando a Bíblia contra o seu co-

ração, ele disse: «Este é o presente mais precioso que eu jamais recebi.»

No fim da hora de culto, este senhor convidou o presidente da Missão e o signatário para virem a sua casa na manhã do dia seguinte para verem o seu grande jardim e o seu material moderno de agricultura. Quando eles chegaram a sua casa, no dia seguinte, o senhor foi muitíssimo cordeal para com eles. Depois de uma volta pela sua fazenda, ele fez várias perguntas acerca da Igreja Adventista do Sétimo Dia, às quais os pastores responderam com satisfação. Eles conversaram e oraram com o senhor. Então confessou que no dia anterior, ele e a sua família tinham concordado em guardar dos seus rendimentos, só o suficiente para as suas necessidades e dariam o resto para ajudarem as causas dignas. O seu interesse em dar tinha sido já demonstrado, pela sua oferta à nova igreja Africana, ali próxima. Que este espírito o guie a tomar ainda uma maior decisão na sua vida.

Também na cidade de Vila Pery, na Missão Central, os representantes da igreja tiveram uma entrevista com o presidente da Câmara. Quando chegaram à Câmara, foram conduzidos ao escritório do presidente, para uma visita sem cerimónias. Ele fez imediatamente bastantes perguntas sobre o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia naquele lugar de Moçambique. Anteriormente, tinha sido director escolar na área onde a escola de Munguluni está localizada; conheceu aí o presidente da missão e tornaram-se bons amigos. Via-se claramente pela conversa que tiveram, que o Presidente da Câmara tinha uma profunda apreciação pelo trabalho educacional dos Adventistas do Sétimo Dia.

Ele fez algumas perguntas que eram difíceis de se responder. A primeira foi a seguinte: «Estão planeando abrir uma escola em Vila Pery?» Então, fez outra, ainda mais difícil de se responder: «Estão a planear abrir em breve, uma igreja aqui?» Certamente que ele ficou desapontado quando lhe foi dito que a igreja teria que se expandir devagar por haver falta de fundos. Então ele disse rapidamente:

«Venham para a nossa cidade. Ajudar-vos-ei».

Ainda que haja somente três igrejas Adventistas do Sétimo Dia com 168 membros na Missão Central, há boas perspectivas para o futuro e para o avanço da Causa de Deus. Durante os últimos anos a igreja Europeia na Beira, aumentou de um para 45 membros. Com um impulso evangelístico, esta igreja podia tornar-se uma coluna forte e que contribuisse para o avanço do trabalho nesta área.

A sede principal da Missão Sul será em Lourenço Marques e os directores da união, terão a responsabilidade de dirigir este campo. Uma cidade linda e moderna como Lourenço Marques, com 600.000 habitantes, tem somente 2 igrejas organizadas, com 314 membros. O mês passado a Senhora Berg, que é esposa do presidente da União, realizou a primeira Escola Cristã de Férias que teve lugar em Moçambique. Os resultados foram animadores. No primeiro dia 116 crianças vieram à E.C.F. e 91 delas eram de lares não adventistas. Sem dúvida que esta cidade está pronta para receber a mensagem e decerto que muitas almas serão conquistadas para Cristo. A nova União de Missões de Moçambique está necessitando urgentemente de um evangelista da União que se dedique completamente à pregação da mensagem. As portas estão agora bem abertas, mas não podemos contar com o amanhã.

A reunião de reorganização votou à Divisão Euro-Africana, que a nova organização da União de Missões de Moçambique, fosse tornada efectiva, a 1 de Janeiro de 1973. Os directores para a União serão escolhidos pela Divisão. Os secretários departamentais foram eleitos deste modo: Henrique Berg ficou encarregado das actividades leigas, da Escola Sabatina, da Administração e dos departamentos de rádio e televisão; o pastor J. Abella, ficou encarregado do departamento da temperança e da saúde; e o Pastor João Santos ficou encarregado dos departamentos de educação, M.V., das relações públicas e da liberdade religiosa. O comité votou também perder-se à Di-

visão para prover um secretário de publicações para o campo. Presentemente, não há nem um colportor em todo o Moçambique.

Desde 1967, a Missão de Moçambique tem baptizado por ano, mais do que um milhar de almas. Na altura em que a reunião teve lugar, o campo tinha 44 igrejas organizadas, com 12.279 membros, 22.116 membros da Escola Sabatina que se encontram em 84 escolas Sabatinas organizadas, e 20.000 pessoas interessadas que frequentam 207 Escolas Sabatinas Anexas.

C. L. Powers

Comentários sobre «Varanda do Mundo»

Continuação da pág. 3

exílio neste pobre planeta onde a sua presença tantos males tem causado.

JESUS virá estabelecer o Seu reino de paz e amor e o momento da Sua vinda será aquele em que os réprobos dirão aos «montes e aos rochedos: Cai sobre nós, e escondi-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro».

Será nesse momento solene da história do mundo que os filhos de DEUS, contrastando com os ímpios exclamarão: «Eis que este é o nosso DEUS, a quem aguardávamos, e ELE nos salvará; este é o Senhor a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos».

Trinta anos, segundo o Instituto de Tecnologia de Massachusetts, tem o Homem para se precaver contra as calamidades que ele próprio está provocando...

Mas que vai o homem fazer? Em que consiste essa precaução? Tentar voltar no caminho do mal por que tem enveredado? Organizar novas leis que «endireitem» o mundo? Têm-se multiplicado as reuniões, já não têm conta as conferências... e o mundo vai caminhando «de mal a pior» como a Sagrada Escritura profetiza.

O amor entre os homens, que CRISTO preconizou e aconselhou, cedeu o lugar ao ódio, cujas vítimas tombam diariamente às centenas, aos milhares, e o homem sente-se impossibilitado de conduzir o mundo a melhores dias.

Nada terá, pois, o homem a fazer?

Perante Deus a situação do homem nunca é de desespero porque diz o apóstolo S. Paulo (Epístola aos Romanos 5:20) «...onde o pecado abundou, superabundou a graça».

Deixamos à consciência de cada leitor as respostas às perguntas atrás formuladas.

JOSÉ TAVARES

(De «O PLANALTO», de 3/10/72)

Os «Sins» e «Dãos» dos Adventistas do Sétimo Dia

Continuação da pág. 9

verdade como a realidade de «algo de melhor».

Não poderíamos nós aprender de cóp pelo menos dez sins, tal como aparecem abaixo e sempre que tenhamos oportunidade, ou que nos seja possível, orientar a conversação ou a discussão pública para alguns sins?

Dez coisas que os Adventistas podem fazer

1. Travar amizade com toda a humanidade.
2. Sair para recriação ao ar livre — apoiando ideais de ecologia.
3. Fazer do comer e do beber uma experiência agradável e saudável.
4. Encontrar prazer e compensação na vida espiritual.
5. Trabalhar muito para dar mais — para a educação cristã e para o serviço da comunidade.
6. Escolher o domínio próprio através de Jesus para um desenvolvimento equilibrado.
7. Proclamar com zelo a breve volta de Jesus — o radioso futuro.
8. Dar a resposta ao fumo, às bebidas e às drogas.
9. Gostar de viajar com um objectivo ou por prazer.
10. Fazer da Bíblia o seu guia para uma vida que valha a pena ser vivida, aqui e no porvir.

«Novas todas as coisas»

«E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.» Apocalipse 21:5.

Soa-me docemente aos ouvidos esta promessa. Aquele que está sobre o trono é quem a faz. Sim, Aquele que ocupa o trono do poder universal; o Soberano de todos os mundos; Aquele que tem toda a autoridade e poder e força. E Ele declara: «Faço novas todas as coisas.»

E que grande mudança não será essa neste estragado mundo! Através de todos os séculos tem havido um incessante conflito do mal para vencer o bem, e, conquanto aqui e ali o bem parecesse condenado à derrota e o mal prestes a triunfar, tem havido contudo um processo dos séculos revelando que os designios de Deus avançam esplendidamente para seu pleno desenvolvimento.

E, quando se manifestarem as novas coisas, pelo poder recriador de quem tudo criou, sabemos que a triste luta entre o bem e o mal chegou a seu termo. O conflito estará findo.

Vem então o cumprimento de Deus, essa promessa enunciada em palavras tão verdadeiras e fiéis: «Eis que faço novas todas as coisas!» Olhai e vêde a nova criação surgindo em beleza, e força, e glória, e no vigor de uma eterna juventude! «Eis que faço novas todas as coisas!»

E essas novas coisas encontrareis reveladas nos dois capítulos finais do livro de Apocalipse, que nos apresentam em palavras singelas mas vigorosas e cheias de majestade, a visão daquele tempo em que a eternidade floresce ao contacto da mão de amor, o grande amor de Deus, nosso Pai.

As coisas novas! Um novo céu, e uma nova Terra; não mais este velho mundo gasto, com seus intérminos vestígios de morte e decadência.

Eis que surge uma nova cidade — aquela cidade que os olhos da fé vislumbravam através da longa perspectiva dos séculos de pecado — aque-

la cidade por que esperava Abraão, e cujo artífice e construtor é Deus.

Ah! então irromperá um cântico de êxtase, e vitória, e acções de graças: «Temos uma grande e forte cidade!»

Todas as coisas novas! É a frescura de uma primavera de vida após um inverno de morte.

E se desejais conhecer a frescura dessas coisas novas, deveis buscá-las nas que o não são; pois essa frescura ou juventude é a ausência de tudo quanto lembre tremuras de velhice e estiolamentos de vida.

E na enumeração das coisas que não mais haverá ali, lemos: e o mar já não existe.

Sinto um vivo movimento de simpatia para com o velho João, quando, na rochosa e árida Patmos, numa manhã de sábado, olhava para além dos alvos tufos movediços das ondas do vasto Mediterrâneo em direcção das terras de Israel, da Grécia, e de Roma, onde seus irmãos se estavam então reunindo para adorar a Deus. Olhava através do mar que o separava de seus amados santos e irmãos em Jesus, e escrevia sob inspiração do Espírito, o sensacional decreto de Jeová, de que na era vindoura, naquele mundo feito novo, não existirá mar causando separação.

Ali não haverá mais separação entre os que se amam.

Jamais havemos de despedir-nos no Céu, pois não haverá mais partidas a exigir adeus.

Muitos dos que conheci em outros tempos, deixaram-me, partindo para longínquos recantos da Terra. Um abraço, olhos que se fitam até que a vista se turva e a cabeça pende para aperto de mãos, uma última palavra, e depois, o vulto amado que se afasta e desvanece a distância, para nunca mais o tornarmos a ver neste mundo. Mas isso não acontecerá ali. A própria infinitude do infinito espaço, não será vasta bastante para separar os que se acham dotados das asas dos anjos e da velocidade do pensamento.

Não; sentimo-nos alegres pelas pa-

lavras do amado João, palavras inspiradas pelo Espírito, e que nos falam de uma convivência eterna, no país da imortalidade e do vigor; pois não existirá mais mar que nos separe, nem coisa alguma que possa dividir, nessa Terra em que tudo é novo.

Não mais morte! Como contar tão maravilhosa história? Como poderemos cantar tal cântico, tão estranho neste mundo de triste decadência e doloroso aniquilamento?

Leio o que nos conta Paulo acerca do novo corpo — uma das coisas a se tornarem novas. Vi esse corpo, ao descer ao túmulo sombrio. Vi-o — corpo de corrupção, de desonra e fraqueza; e ouvi-lhe o cântico de triunfo ao ressurgir do pó, incorruptível, glorioso, dotado de vigor eterno.

E, uma vez que não haverá mais morte, não admira que não haja também mais pranto nem clamor.

Vivemos em um mundo de dor. O próprio Jesus, ao baixar aqui, tornou-se um Homem de dores. Sim, a dor deste velho mundo é tão profunda, tão permanente e universal, que seu peso se devia fazer sentir mesmo sobre o terno coração de Jesus.

A alegria que Lhe era proposta, entretanto, fê-Lo pôr o rosto como um seixo contra as ondas da dor, a fim de poder afinal fazer-nos partilhar de Sua vitória e do Seu gozo. Possamos nós um dia ouvir-Lhe dizer: «Entra no gozo de Teu Senhor».

Não haverá naquela Terra nenhum mal físico que nos faça sofrer. Não haverá sensação de fadiga. Não mais nos doerão os músculos por excesso de trabalho. Não haverá ânsias de agonia; nenhuma dor física, nenhuma mágoa do coração.

Lemos a narração da noite em que Jesus foi traído, como Judas saiu, e era noite. Ele saiu para as trevas da noite daquela velha cidade, mas saiu para uma treva ainda mais densa — a treva da alma; pois nunca mais o havia de iluminar um único raio de esperança.

Naquela terra, porém, não haverá trevas de alma, pois todos quantos nela entrarem, são filhos da luz, e seu Pai é todo luz, e n'Ele não há treva alguma.

Mas antes de raiar aquela era de eterno dia, jaz, nesta Terra, para os que se perdem, a noite da eterna escuridão. Oh! quão triste não é que, mesmo agora, enquanto brilham aqui raios de luz divina, as trevas não a compreendam! Oh! a pavorosa tristeza de sair para as trevas da noite! Oh! a gloriosa esperança daquela terra e daquela cidade de luz!

Aqui temos a noite para repouso da vida vegetal e animal. Aqui devemos descansar e dormir, e a bênção das trevas desce sobre nós a fim de nos atrair ao repouso. Ali, porém, não necessitamos mais de descanso. «A multidão imortal banha-se na glória de Deus, como num líquido oceano,» e nessa luz eles recebem mais vigor e vida do que em mil noites de repouso.

As portas daquela cidade não se fecham, pois não há nenhuma ameaça de ataque inimigo.

E, banhados na luz da imarcescível glória de Deus, não necessitam de Sol nem de Lua.

Os grandes da Terra para ela trarão a sua glória. Sim, que nem todos os grandes neste mundo têm sido grandes na impiedade. Tem havido nobres reis, íntegros magistrados, estadistas leais.

E mesmo aqueles que vagueavam vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados, eram não obstante dignos de um mundo melhor; e lá estarão.

Moisés, Abraão, Noé, Daniel, David — todos ali estarão; e lá estarão Deus e Cristo, e, dentre os amados que perdemos, aqueles que morreram no Senhor.

E leio que ali não entrará coisa alguma que contamine, tampouco os que amam e cometem a mentira.

Entrarão, porém, aqueles cujos nomes se acham escritos no livro da vida do Cordeiro.

Haverá novas criaturas para aquela criação nova.

«E bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos, para que tenham poder na árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.»

Lucas A. Reed

Notícias do Campo

1.º Encontro de Jovens Universitários

Conforme havia sido anunciado realizou-se em Nova Lisboa de 7 a 10 de Setembro, o 1.º Encontro de Jovens Pré-Universitários e Universitários.

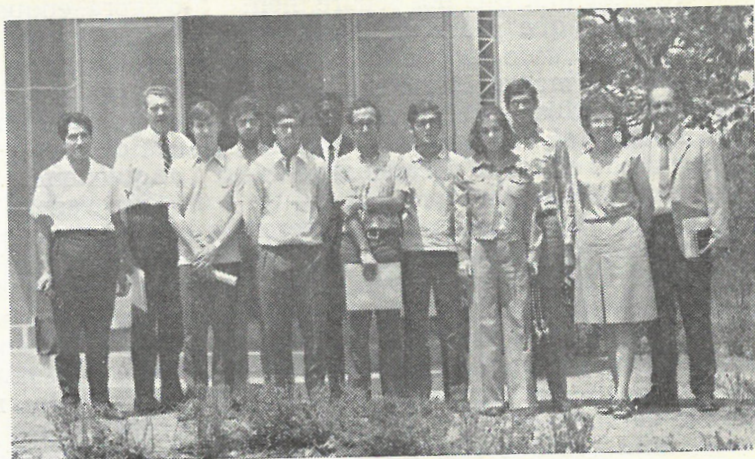
As reuniões tiveram lugar numa das salas do nosso colégio e estiveram presentes 12 jovens.

A introdução foi feita pelo Pastor J. Gomes, tendo-se seguidamente estudado os temas propostos:

- O Universitário Adventista e a Igreja
- O Universitário e a Bíblia
- Planeamento Familiar
- Ciência e Espírito de Profecia
- O Universitário e os seus Problemas — Face aos professores, aos colegas e às Associações Académicas.

Foi resolvido estabelecer uma organização dos universitários adventistas e para dirigente foi escolhida a Dr.ª Edite Azevedo Costa. Também se fará a escolha dum delegado por cada Igreja onde existem universitários.

No último dia realizou-se um passeio à Missão do Bongo, onde, depois de visitarem as instalações foram apresentados pelos Drs. David Parsons, Gideon Marques e Roberto Parsons, alguns aspectos do hipno-



Grupo de Universitários no Bongo

tismo, planeamento familiar, etc.

Tivemos nas reuniões a colaboração da Dr.ª Maria de Lourdes Campos Seidel.

J. Morgado

Curso de Pregadores Leigos na Vila Nova

Conforme havia sido largamente anunciado, realizou-se de 10 a 20 de Agosto, em regimen de acampamento, um curso para Pregadores Leigos na Vila Nova.

A ele assistiram 12 Irmãos e ainda algumas visitas que estiveram connosco.

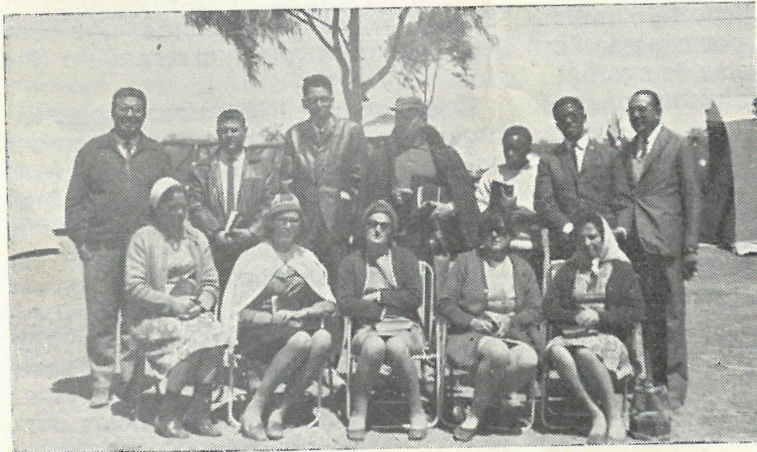
A instrução esteve a cargo do Pastor Guilherme Glória e do signatário e incluiu Doutrinas Bíblicas, métodos de

Evangelismo, arte de obter decisões e História Denominacional. No fim foram feitos alguns trabalhos práticos. À Vila Nova foi feita uma visita para venda dos livros da Campanha de Extensão Missionária em que colaboraram alguns jovens.

Foram atribuídos 12 diplomas no final do Curso.

Esperamos que este curso sirva de incentivo para cursos futuros em que um maior número de Irmãos possa tomar parte.

J. Morgado



Curso de Pregadores Leigos